

Mais três bombeiros são internados

Fotos: Carlos Moura

Oficiais vão divulgar daqui a 20 dias o resultado da sindicância que apura as causas da intoxicação dentro de caminhão

Onze dos 39 recrutas vítimas de intoxicação com gás durante um treinamento militar na última quinta-feira deixaram ontem o Hospital das Forças Armadas (HFA) para ficar em observação na Policlínica do Corpo de Bombeiros.

Outros três foram internados no HFA com dor de cabeça, vômitos e dores no corpo. E o recruta Luciano Rosendo continua na Unidade de Terapia Intensiva (UTI). Segundo boletim médico divulgado ontem às 15h, ele apresenta complicações respiratórias e continua respirando com a ajuda de aparelhos.

Todos os 57 recrutas que participaram do treinamento foram convocados no final de semana para uma reavaliação médica.

Grande parte dos que participaram do acampamento em Brazlândia acusa os oficiais responsáveis — major Falcão, capitão Wilton e tenentes Eduardo Mundim, Marcelo Vieira e Manoel Nogueira Filho — de excesso na condução do treinamento.

De acordo com alguns recrutas, os instrutores eram “verdadeiros carrascos”. No dia do acidente, eles revelam que foram dormir à meia-noite e acordaram por volta de 3h, com um jato de gás lacrimogênio.

Eles dizem que foram expostos a vários testes com gás, até entrarem num caminhão para realizar a última prova que terminou com a intoxicação de alguns deles.

Pouco antes, participaram de um treinamento com o mesmo gás numa barraca. A informação foi confirmada pelo coronel José Anício Barbosa, relações-públicas do Comando-Geral do Corpo de Bombeiros. “Os testes tiveram um intervalo de 15 minutos”, admitiu Anício.

MEDO DE REPRESÁLIAS

Além assustados com o acidente, os recrutas não querem aparecer com medo de sofrer represálias de superiores. “Meu sobrinho está sendo ameaçado por oficiais. Os recrutas receberam orientações para

não falar sobre o acidente”, acusa a tia de um dos rapazes internados. Ela preferiu não se identificar.

“Isso é uma inverdade. Não há ameaças, estamos sendo transparentes. Se houve excesso, será apontado com a conclusão da sindicância”, garante Anício. O resultado da sindicância sai em 20 dias e, dependendo da conclusão, o acidente pode se transformar em inquérito policial.

Irritado com a imprensa, o comandante-geral do Corpo de Bombeiros, coronel Rajão Filho, garante que todo o processo está sendo conduzido com transparência. “Não queremos perder nenhuma vida internamente. Podemos até perder em combate, mas não em treinamentos”, sustenta.

Ele garante que desconhece a origem das bombas usadas no treinamento. De acordo com o relatório assinado pelo comandante do acampamento, major José Mendes Falcão, a bomba foi uma granada manual usada em operações militares. Ela produz uma cortina de fumaça com duração de 90 segundos.

O gás que provocou a intoxicação era composto por hexacloreto de alumínio e óxido de zinco. Segundo um oficial do Corpo de Bombeiros, o cloro é o elemento químico mais nocivo e capaz de provocar queimaduras internas quando aspirado.

Durante todo o treinamento foram utilizadas quatro bombas. Duas foram usadas durante o teste feito na barraca e outras duas no caminhão.

Uma das duas bombas atiradas no interior do caminhão rompeu e liberou o gás mais rápido do que o esperado. Todas elas estão no 2º Batalhão do Corpo de Bombeiros e serão analisadas.

Para quem conhece a rotina militar, a dureza dos excessos nos treinamentos de sobrevivência aplicados em recrutas não é novidade.

Para provar que têm competência para honrar a farda, os recrutas dormem mal, comem pouco e fazem diversos exercícios pesados.

